

Profª Rosalina Maria Pereira Gonçalves

Escola Profª Marta Aparecida Hjertquist Barbosa – Bauru/SP

Título

Projeto Sete maravilhas de Bauru

Resumo

No último dia 30/11/2017, apresentamos o Sarau da poesia por ocasião do encerramento do Projeto Sete maravilhas de Bauru, desenvolvido no 5º B durante o ano de 2017. O projeto surgiu mediante a necessidade de sanar dificuldades dos alunos na produção de textos desde os mais simples. Desenvolver o tema "Bauru" pareceu bem interessante para atingir os objetivos de reflexões sobre a linguagem escrita, além de despertar a curiosidade e a participação das famílias do bairro da periferia de Bauru, distante do centro da cidade, com os locais escolhidos dificilmente frequentados pelos alunos. Assim, estudamos a história de Bauru, desde o início quando o nome era Espírito Santo da Fortaleza, até os dias de hoje. Uma viagem passando através das sete maravilhas bauruenses: Museu Ferroviário, Avenida Nações Unidas com o belo Teatro Municipal, Anfiteatro Vitoria Régia, lanche Bauru, Templo Tenrikyo, Jardim Botânico e o Zoológico de Bauru. Os alunos deveriam produzir textos inéditos nos gêneros: poema, registro pessoal e uma biografia verdadeira, e a escolhida, Isabela Pereira Ferraz, de 19 anos, recebeu do SESI (Serviço Social da Indústria) o prêmio de melhor crônica de autoria, com o título "Outro mundo", por ser jovem, bem-sucedida nos estudos, premiada como melhor aluna do SENAI 2016, e também uma das autoras do livro "Sete maravilhas de Bauru", que nomeou o projeto. Era sem dúvida um bom e possível exemplo a ser seguido.

Ao elaborarem os textos, adquiriram os conhecimentos necessários para produção de textos nos mais diversos gêneros da Língua Portuguesa. Na autoria da biografia, tiveram o desafio de aprender a usar a linguagem formal, se desvencilhar da gíria e manter a coerência, a coesão, a sequência temporal e a veracidade dos fatos. Nesses estudos, surgiram 16 poemas. Todo o trabalho foi traduzido em rimas de forma romântica, humorada, saudosista e com muita dedicação.

Nos registros pessoais, os alunos assimilaram os conhecimentos dos procedimentos para o estudo, revisão e reescrita, necessários para a elaboração de bons textos nos gêneros propostos. Trabalhar com as oficinas de estudos foi fundamental para o alcance dos objetivos. Essa estratégia me possibilitou desenvolver as habilidades dos alunos por nível de aprendizagem. Ajudava os abaixo do básico e avançava com os básicos e adequados.

A apresentação do sarau foi a culminância de toda a jornada, registrada na exposição que permaneceu na escola até o dia 8/12/17. Os três objetivos foram atingidos. Hoje, verificando todo o processo, sinto que é possível qualquer colega realizar o projeto adaptando-o para os contextos de suas cidades, é só descobrir as maravilhas que se tem e valorizá-las. Viver essa experiência foi gratificante e só fez aumentar o amor pela cidade e pela profissão.

Planejamento

Os jovens do quinto ano B seriam os meus alunos para o ano de 2017. Recebi a pasta com os diagnósticos dos alunos do término do quarto ano em 2016, fiquei preocupada, pois a lista contava com 11 alunos no

nível de aprendizagem abaixo do básico em Língua Portuguesa, 11 no nível básico e 6 alunos no nível adequado, dados que confirmei posteriormente quando apliquei os diagnósticos na primeira semana de aula. A maioria da sala era alfabética de lista. Não liam nem escreviam satisfatoriamente, apenas copiavam a lousa, sem nenhuma reflexão sobre o significado das atividades, além da distração constante. Foi então que pensei em encontrar alguma maneira de inserir os alunos de tal modo que adquirissem o gosto pelo estudo, o interesse pelas aulas e, ao mesmo tempo, fosse do conhecimento deles e das famílias. Decidi que o tema seria nossa cidade de Bauru, que completaria 121 anos, e os conteúdos seriam mais próximos da realidade dos alunos, visto que as famílias teriam acesso imediato aos locais escolhidos para a realização do projeto e poderiam dar sua colaboração no sentido de orientarem os filhos nos roteiros e endereços estudados, contar histórias e experiências de suas famílias enquanto moradores da cidade.

Pesquisei e contemplei duas obras principais para pesquisa dos alunos e leitura: "Viagem através das ruas de Bauru", da historiadora bauruense Márcia Regina Nava Sobreira, e "As sete maravilhas de nossa cidade", de Isabela Pereira Ferraz e amigos. Assim, os locais escolhidos para o estudo e desenvolvimento do projeto foram: Parque Vitória Régia, na Avenida Nações Unidas de Bauru, Museu Ferroviário, Jardim Zoológico de Bauru, Jardim Botânico de Bauru, Templo Tenrikyo, Teatro Municipal Celina de Lourdes Alves Neves e o lanche Bauru.

Estabeleci um objetivo geral: inserir os alunos do quinto ano B no contexto do projeto, tendo a cidade de Bauru como tema principal de estudo, observação, inspiração e pesquisa. Três objetivos específicos: escrever texto de autoria, no gênero poesia, com o propósito de apresentar o "Sarau da poesia", com o tema do projeto para toda a escola; foi concretizado no dia trinta de novembro de 2017, com o concurso da melhor poesia. Elaborar uma biografia inédita e verdadeira de uma pessoa real, e foi escrita a vida de uma das autoras de um dos livros que fundamentou o projeto: "As sete maravilhas de nossa cidade", Isabela Pereira Ferraz, uma jovem de 19 anos. Produzir registro pessoal dos momentos importantes do projeto, que aconteceram em quatro etapas: o passeio com a visita aos locais estudados. Entrevista com Isabela Pereira Ferraz junto com a festa do lanche Bauru. Palestra e entrevista com o poeta bauruense Luiz Vitor Martinello, e a organização da exposição do projeto, divulgando a poesia vencedora do sarau e o texto da biografia produzido pelos alunos.

As estratégias escolhidas foram o trabalho em grupo, com um aluno no nível básico e outro aluno abaixo do básico. Os seminários aconteciam em momentos definidos: assistiam no data show o vídeo que eu levava, debatiam comigo e, em seguida, trabalhavam nos grupos, ou em duplas, os conteúdos relacionados ao tema, preparando a apresentação para os colegas. A classe precisava anotar as falas dos colegas para os registros. Pesquisas na internet eram realizadas na escola ou em casa, nos livros, revistas e jornais antigos que as famílias mandavam. As oficinas de estudos aconteciam nos dias que não havia aulas de especialistas, pois usávamos todo o período. Dividia a sala em cinco grupos de diferentes gêneros de texto para análise. A comanda era a mesma: identificar o gênero e suas características, explicar e justificar o tema, e apresentar o conteúdo do novo conhecimento para a classe nos seminários. Para as entrevistas, eram convidadas pessoas cuja função tinha alguma relação com o projeto. Como o dia em que fomos visitados pelas merendeiras da escola, que usam no uniforme o brasão de Bauru, mas não conheciam seu significado. Nesse dia os alunos deram um show, explicando para elas o significado e o sentido patriótico de todas as figuras que compõem o brasão. Muita leitura pelo aluno e pela professora, que contemplaram os conteúdos da História e Geografia de Bauru, produção e interpretação de textos nos gêneros relato de experiência, biografia, poemas, crônicas, pontuação, ortografia, correção e revisão

dos registros pessoais. Tudo trabalhado com os instrumentos de som, data show, informática, celular e whatsapp.

Conversei com os pais e criei um grupo no whatsapp, exclusivo da classe, para comunicação e acompanhamento do projeto e para a participação das famílias.

A avaliação de todo o projeto foi feita durante o processo de desenvolvimento dos trabalhos, através da produção dos alunos em cada momento, com fotos, vídeos e registros pessoais escritos pelos alunos, além das provas bimestrais.

O tempo de duração previsto era o primeiro semestre, porém não foi possível, a escola foi invadida várias vezes, as águas da chuva devastaram o prédio, incendiaram a escola, acontecimentos que abalaram toda a comunidade escolar. Assim, a realização do projeto se estendeu até o final do ano de 2017.

Diagnóstico

Recebi meu quinto ano na escola estadual de periferia, marcada pela vida difícil, parte dos moradores veio do programa de desfavelamento para morar nos prédios construídos ao redor da escola. O deslocamento constante da população diversifica o nível de aprendizagem dos alunos que chegam à escola. Por outro lado, os moradores mais antigos estão se mudando para outros bairros, o que também interfere no cotidiano didático quando vão embora e outros alunos assumem as vagas, o professor precisa lidar com as dificuldades, as adaptações, retomando os conteúdos, às vezes do início. As famílias quase não participam das atividades da escola como reunião de pais.

Nas primeiras rotinas do ano, apliquei atividades comuns de avaliação tais como: cartas de leitor para ler, interpretar e avaliar as características do gênero, contos infantis para produção de texto e avaliar a sequência dos fatos na escrita dos alunos e que conhecimentos tinham da estrutura textual nas reescritas. Não deram conta das atividades mais simples, também não demonstravam nenhum interesse pela aula. Gostavam de Matemática.

Quanto às escritas, sem segmentação, outras sem estruturação em parágrafos, escritas ilegíveis, sem coerência, palavras soltas sem sentido no texto. Outro não conseguia escrever sozinho, pedia para passar na lousa. Portanto meus esforços teriam que priorizar a Língua Portuguesa na leitura e na escrita. Lancei uma pergunta desafio desencadeadora de lembranças que poderiam ter de algum fato acontecido na família. "Você conhece Bauru?" Acharam engraçado a pergunta e alguns responderam "claro que sim". "Quais são as maravilhas de Bauru?". Não sabiam responder, mas a Lilia disse que o Jardim Zoológico devia ser uma delas e, de fato, foi o local mais contemplado nos poemas dos alunos.

Organizei a oficina diagnóstica de estudo com a exibição de dois pequenos vídeos: uma reportagem da TV TEM sobre os 120 anos de Bauru e outro, sobre o Jardim Zoológico e o Jardim Botânico. O objetivo era trabalhar conteúdos de produção de rimas orais, eles deveriam expressar sentimentos despertados pelas imagens dos vídeos e suas lembranças e, assim, dar início às poesias e verificar se seria possível desenvolver o projeto. Levei para a classe meu próprio data show, ficaram agitados com a novidade. Expliquei que deveriam assistir aos vídeos com atenção, pensar numa palavra que expressasse seu sentimento em relação ao filme e escrevê-la na lousa. O que se seguiu foi emocionante. (Fotos no anexo 1).

Criou-se um ambiente romântico na sala, em silêncio os alunos iam à lousa à procura de rimas bonitas e sonoras. A cada palavra na lousa, o outro deveria escrever uma palavra que rimasse com aquela. Quando não encontrava uma rima, outros ajudavam. Nessa aula percebi que o projeto daria certo, encontraram rimas preciosas como: beija-flor com compor, rima que foi usada pela Nicole em sua poesia sobre o Zoológico: "Cheira a flor com amor o beija-flor, seu movimento de maravilhosa cor, inspira-me a compor." Harmonia com alegria, rima que apareceu nos poemas do zoológico, da Sarah: "As famílias chegam sorrindo, provocam nas pessoas harmonia e o passeio transpira alegria." Esperança com lembrança, rimas que ficaram lindas na poesia sobre a escola, do Guilherme: "O bairro Nova Esperança, de virtude especial, guardarei sempre na lembrança, minha escola estadual."

Contei sobre o susto presidencial, no dia que o presidente Geisel visitou Bauru, na década de 70 e a Avenida Nações Unidas explodiu por causa de um caminhão de gasolina que tombou derramando o combustível nos tubos internos da avenida. O Breno comentou: "Mas a senhora não parece tão velha pra ter estado lá." Acharam incrível eu ser testemunha da história da cidade. Esse fato foi lembrado na poesia da Isabelly, sobre a Avenida Nações Unidas: "Nações Unidas, do Sul e do Norte, do trânsito, da enchente e da morte. Do susto presidencial, da Praça da Paz Universal."

Seguiram-se a leitura e a interpretação do texto "Sobre poemas e poetas", da Olimpíada da Língua Portuguesa, foi debatida a diferença entre poema e as emoções transmitidas pelas poesias. Dei início assim ao projeto. As leituras melhoravam o repertório dos alunos, um ajudava o outro, a parte mais difícil era a correção e reescrita dos textos. Não tinham paciência para corrigir e refazer os textos, houve momentos em que era impossível escrever, erravam no gênero e na estrutura, eu buscava mais fundamentação teórica para ajudá-los, trazia curiosidades sobre os lugares, eles traziam os relatos dos pais sobre Bauru, até que começaram a melhorar as produções. Eu registrava com fotos e guardava algumas produções. Conseguimos.

Desenvolvimento

Estudei os diagnósticos do ano anterior e a maior dificuldade dos alunos era identificar, interpretar e produzir textos em diversos gêneros. Optei por elaborar o projeto e trabalhar três gêneros que seriam aprofundados: biografia, poema e registro pessoal.

Fundamentada no livro "Viagem através das ruas de Bauru", da Prof^ª Márcia Regina Nava Sobreira, iniciei as oficinas de estudos com os alunos. Separei as biografias dos poetas Rodrigues de Abreu, Manuel Bandeira e o poema "Namorados". Luiz Vitor Martinello e a poesia "Penúltima notícia". O objetivo dessa aula era que encontrassem pontos comuns entre os três poetas e seus escritos. Tiveram dificuldade, por isso comecei os trabalhos por ela. "Ler por si mesmo, textos de diferentes gêneros, produzir pequenos textos de autoria sem sair do contexto da comanda." Primeira dificuldade já foi a leitura dos textos que coleei nos cadernos, não deram conta, tive que fazer a leitura compartilhada, o que já era esperado. Segunda dificuldade: entender sobre o que estavam falando os poetas, qual o tema dos poemas. Terceira dificuldade: relacionar as biografias e saber o que tinham a ver uma com a outra. Dividia as duplas tomando o cuidado de colocar um aluno do nível básico com um abaixo do básico, um adequado com outro básico. A leitura foi atividade permanente, lemos muitas biografias e poemas, isso era necessário para que assimilassem as características do gênero.

Na biografia da Isabela (anexo 2), colhemos as informações da vida dela na elaboração de frases formais na linguagem culta, ao escrever as perguntas e as respostas dela. O Alexandre perguntou: "Como foi que

você e seus amigos pensaram para decidir escrever sobre Bauru?" Isabela contou todo o processo de produção e pesquisa que percorreu até o livro ser concluído na gráfica. Explicou a história da origem do lanche Bauru e seu criador, Casemiro Pinto Neto. Perguntaram tudo sobre o lanche, pois tinham em mente o registro pessoal e a coleta de dados para a biografia. Ofereci o lanche Bauru neste dia. Foi surpresa para os alunos, comeram e se divertiram com minha família, que foi para colaborar na montagem do lanche.

Seguiram-se dias de intenso aprendizado de Língua Portuguesa, faziam e refaziam o texto, corrigiam os fatos temporalmente, se esqueciam algum dado importante, ligavam pra Isabela pelo celular da professora e retornavam à produção do texto biográfico. Foi emocionante ver o empenho do Yago e do Kemuel (aluno com dificuldade de aprendizagem e dislexo, ele participava oralmente, ditava o texto e o Yago escrevia), procuravam as palavras, corrigiam na lousa e voltavam para o caderno. Nesses momentos, a mediação do Alexandre, do Breno e do Wisley, era fundamental nas duplas, pois ajudavam com o dicionário e com os registros, tinham boa memória e lembravam os colegas das sequências dos fatos. Assim surgiram várias versões do texto, eu ia compilando na lousa os parágrafos que estavam cronologicamente prontos e corrigidos.

As correções eram momentos difíceis, fazê-los entender que não era adequado usar adjetivos, pois na biografia o texto é formal, se conta apenas os fatos da vida da pessoa. Então o Gabriel argumentou: "Mas eu quero dizer que ela é linda!" Eu debatia com eles e envolvia a classe nas reflexões linguísticas; quando posso usar vários adjetivos? Na biografia, nos poemas ou no registro? Foi assim que aprenderam a diferenciar o uso das palavras nas produções e as figuras de linguagem. A partir delas, aprenderam os verbos no subjuntivo e nas formas nominais. Esses conhecimentos apareceram posteriormente nas poesias, as metáforas, muitos gerúndios, infinitivos e participípios, como no poema da Lília: "...fazem um passeio ecológico, visitando o Jardim Zoológico." No poema da Yasmim: "...Aquele que fora da Fortaleza, hoje Catedral do Divino Espírito Santo." Da Ana Laura: "... Berço de poetas, Martinello o professor. De Celulari o ator...". A biografia ficou pronta, enviamos para os pais da Isabela para conferirem os fatos e as datas. Esses trabalhos foram marcantes e apareceram no poema que o Yago e a Nicole fizeram juntos: "No projeto Bauru as maravilhas são sete, Martinello e Isabela respondem a enquete. Todos absorvem os conhecimentos que merecem. Organizamos o sarau como se fosse uma tese!" Objetivo alcançado.

No poema a linguagem era conotativa e poética, exercitamos o romantismo, viajamos nas rimas, adentrando um universo de sonhos, magia e sensibilidade poética. Eu levava para a sala um rádio com música ambiente, para ajudar na inspiração e também para provocar o silêncio; no início acharam estranho, depois acostumaram. Já no registro pessoal, a linguagem foi livre, puderam escolher o estilo, as palavras da maneira que quiseram. Nesse gênero tiveram que demonstrar a habilidade sequencial dos fatos ocorridos, levando em conta o leitor, localizá-lo nas situações expostas, também os sentimentos em relação a todos os acontecimentos, além de se posicionar dando suas opiniões a respeito. Começaram a surgir algumas rimas tímidas, simples e óbvias, como: flor com amor e dor, vi que eram necessárias aulas mais profundas. Então, com o poema e a biografia do professor Martinello, entramos no universo histórico de Bauru, a vida de seus poetas, dos combatentes da revolução. Lembrados nos versos da Pyetra: "... Dá-se às ruas o nome de seus valentes: Rubens Arruda, Gerson França, Agenor Meira. Derramaram suas vidas na luta. Nossos heróis combatentes."

Nesses momentos as oficinas fluíam, um aluno ia à lousa e escrevia uma palavra qualquer sobre o tema, o próximo escrevia uma rima contextualizada para aquela palavra. Assim construíamos os versos que

posteriormente seriam ajustados às estrofes de mesmo tema. No dia da enchente na escola, e o transtorno com os pombos, todos queriam falar da escola, e fluiu o poema "Minha escola". A emoção tomou conta da sala naquele dia, alguns alunos choravam, fizeram os versos: "CAIC de tempos outrora, chove mais dentro que fora. Vejo o triste abandono, em que se encontra a escola. O revoar dos pombos na praça, encanta-nos só de olhar. Mas abalam as estruturas, do ambiente escolar." Essa poesia foi segunda colocada no concurso do sarau.

Os registros pessoais eram elaborados após cada oficina de estudo ou evento do projeto. As primeiras escritas foram desanimadoras, frases soltas sem nenhuma concordância verbal ou nominal, sem estruturação, não tinham o hábito de contar os acontecimentos por escrito. Não conseguiam expressar os detalhes. Os textos não passavam de dois ou, no máximo, três parágrafos. Aos poucos, essa realidade foi mudando e no segundo semestre tomou força.

Eu mandava no grupo do celular as imagens, vídeos das oficinas, depoimentos para os pais e eles começaram a ajudar os alunos, mandavam mensagem oral com as dúvidas e eu explicava a atividade. Desde que as famílias começaram se envolver no projeto, tudo melhorou. Diminuíram as faltas, as tarefas eram feitas. Nos dias de correção dos registros, eles liam para a classe e os outros corrigiam a sequência dos fatos, eu corrigia os erros ortográficos e eles refaziam indicando sempre qual versão era aquela corrigida. Houve registros que chegaram à quinta versão. Foi assim que melhoram as escritas e assimilaram como manter a coerência e a coesão dos textos.

Eu colava alguns no meu semanário para futuras avaliações. Muitos desses registros foram disponibilizados na exposição do projeto. A Yasmim iniciou assim o registro do dia do brasão: "Hoje quando chegamos pela manhã, havia na sala três bandeiras, a do Brasil, a de SP e a de Bauru, aprendemos o significado das figuras representadas no brasão...". Essa aula foi lembrada também nos versos do Davi, na poesia vencedora do concurso: "...Do povo o sorriso e a fé. Dos desbravadores o café."

Ao ler os registros, fui percebendo como estavam melhorando e aplicando o que aprendiam da coerência e dos conectivos textuais.

Fomos conhecer os lugares que estudamos, entramos no ônibus e seguimos para o Teatro Municipal. Ao chegar fomos recebidos na Biblioteca "Rodrigues de Abreu", vimos a foto da "Celina" na entrada do teatro. Retratada no poema da Emily: "Teatro Municipal das artes teatrais. De Rodrigues de Abreu, escultura original. Biblioteca de Bauru, seu arquivo oficial. Entre o vermelho como sangue e o branco da paz universal. Brilha Celina, feito um diamante! Num teatro muito elegante."

Seguimos para o Museu Ferroviário, os alunos debateram sobre Getúlio Vargas e o processo político da época. Resultou no poema da Ana Laura: "Nove de julho simbólico monumento. Revolta-se o povo pela Constituição. Vão pra luta com bravura, reivindicando o direito de ser cidadão." Andamos na primeira classe da Maria Fumaça. Gravado no poema das alunas Isabelly, Maísa, Hadassa e Pyetra: "As manobras sempre no horário, das antigas ferrovias. Permanecem guardadas, no Museu Ferroviário."

No Templo Tenrikyo, Maísa deu seu depoimento emocionado. Esse momento ficou marcado nos versos da poesia vencedora do sarau pelo Davi: "Templo de exuberante beleza. De canto e louvores espirituais. Brilha na vila Independência, o esplendor da cultura japonesa."

Sáimos de lá e fomos para a Avenida Nações Unidas, no Parque Vitoria Régia. A Hadassa deu depoimento sobre sua pesquisa sobre o arquiteto Jurandir Bueno, idealizador do parque, que foi contemplado na

poesia da Isabelly: "Arquiteto de raro valor. Na Grécia busca inspirações. Menina dos olhos a flor. Vitória Régia no Parque das Nações." Terminamos no Jardim Botânico e no Zoológico.

Terminamos os poemas, foram escolhidos 16 para a apresentação (anexo 3), e fui a apresentadora do sarau. Toda a escola do período da manhã participou e votou na poesia preferida, o que aconteceu no dia trinta de novembro. A exposição ficou aberta para a comunidade até o dia oito de dezembro de 2017. Missão cumprida!

Avaliação

Aprendizagem

Após a avaliação diagnóstica, quando constatei as dificuldades dos meus alunos na produção de textos e estabeleci os objetivos do projeto, decidi que a avaliação seria contínua, a cada correção dos registros pessoais aumentava minha preocupação. O Kemuel, aluno com dislexia, não escrevia nada sozinho, precisava de ajuda e a classe foi bem solidária com ele. No entanto, tinha uma ótima oralidade, era falante e criativo, então o colocava sempre em grupos diferente para que pudesse participar dos seminários falando e relatando os acontecimentos, e passava na lousa os conteúdos para que copiasse. No primeiro bimestre, havia 11 alunos abaixo do básico, 11 no nível básico e 6 no nível adequado. Então, formava 6 grupos com apenas 1 adequado junto aos demais.

Trabalhar com as oficinas de estudos foi fundamental no avanço dos alunos. Embora exija muito do professor, possibilita a reflexão dos alunos sobre os conteúdos propostos. Eu precisava que aprendessem a fazer registro pessoal e, para isso, trabalhei muita leitura de variados gêneros, mas priorizava as biografias, crônicas e poemas. Toda terça-feira, a leitura era feita por um aluno que me avisava com antecedência para eu colocar na rotina o título e o autor. A classe tinha que prestar atenção e responder quais eram o gênero e suas características, a finalidade, o tema. Esse procedimento valia para todas as leituras feitas na classe. Após a leitura do aluno do dia, os colegas avaliavam e atribuíam a nota de acordo com os critérios de clareza, postura de leitor, entonação da voz. Sempre com o compromisso de serem éticos. Eu mantinha a nota ou não de acordo com a minha avaliação da leitura. Embora as escolhas da leitura e do dia fossem livres, a participação era obrigatória. Nas provas de conhecimentos gerais, eram avaliados os conteúdos do projeto, as melhores notas eram essas.

Deu tão certo que continuo usando essa estratégia com minha classe de recuperação intensiva que tenho esse ano e recomendo. Intensifiquei esse trabalho quando fiz em 2017 o curso Híbrido de ensino da EFAP. Escola de Formação dos professores. Penso ser importante a formação contínua do professor.

O trabalho com a composição dos poemas foi mais complicado porque não conseguiam dar continuidade às rimas. Então, quando tinham o desafio de ir à lousa à procura de rimas, conseguiam refletir sobre as diversas linguagens nos diferentes textos que produziam. Na biografia o desafio era usar linguagem formal, sem gírias, manter a ordem temporal dos fatos da vida da Isabela e a veracidade das informações. Nos poemas a linguagem era conotativa, poética, romântica. Já nos registros, o desafio era colocar o leitor dentro do contexto do relato dos conteúdos abordados. Tinham que ler para a classe. Para isso tiveram que treinar muito leitura.

Quando notava que não conseguiam, diminuía o desafio com comandas mais fáceis, se melhoravam, eu introduzia textos com um nível maior de dificuldade. Remanejava os grupos na medida em que avançavam nas produções e nas leituras. Terminei o segundo bimestre de Língua Portuguesa com 3 alunos abaixo do

básico, 14 no básico, 8 adequados e 4 avançados. A movimentação entre as passagens de níveis foi positiva, cerca de 30% de avanço total.

O desafio para o terceiro bimestre era trazer esses 14 básicos para o adequado. Intensifiquei as oficinas e no segundo semestre os textos começaram a melhorar, as produções aconteciam e os registros tomavam forma, já se identificavam estruturas. Nas leituras das rodas de jornal, identificavam os gêneros, diferenciavam os textos da notícia e da reportagem, apontavam características e aplicavam nas produções.

Reflexão

Minha experiência pode e deve ser usada pelos professores com alunos com dificuldades ou não. É preciso buscar conteúdos relacionados em sua continuidade, nunca trabalhar atividades desconectadas dos objetivos. Ter a habilidade de comandar vários grupos, cada um com conteúdo diferente, trazer para a sala de aula o cotidiano das pessoas, envolver os alunos de forma que se sintam parte integrante do grupo. Foi primordial eles confiarem um nos outros na hora das produções e nas apresentações dos seminários.

No início eles se sentem envergonhados pela exposição ao erro. Essa é a primeira barreira a ser vencida. Envolver a família é importante, é a parte mais difícil, porém tudo flui bem quando a família se envolve e acredita no trabalho. Agora, uma vez que se aprende a trabalhar com as oficinas, pode-se esperar um avanço espetacular dos alunos. Acreditar neles e investir nas habilidades de leitura e produção de texto, usando todos os gêneros com bons portadores reais.

É possível desenvolver esse trabalho, só precisando adequá-lo para a realidade da cidade, escolher os locais mais apropriados para serem estudados pelos alunos e pesquisar a história. É muito bom quando percebemos o envolvimento das pessoas e o interesse pelo estudo. Eleva a autoestima das crianças, da escola e do professor.